

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tip. do «Notícias de Fafe»: Rua Monsenhor—FAFE

Balada do Natal

Véspera de Natal. Há muito que anoiteceu... Desde o alto da serra ao vale mais obscuro paira uma vaga de inquietação sorridente.

Adivinha-se um infinito de esperança em cada boca, em todo o olhar. No azul profundo abrem-se os olhos das estrelas.

Também na mais longínqua e mais ignorada estrela vai nascer o menino Jesus...

Pulsa agitado o coração das coisas: Do verme aos astros!

E a neve cai silenciosa, fria... Dos altos sinos, desprende-se a última das doze badaladas... Meia noite! Aleluia!... Aleluia!...

Num extasi, Maria sorri de amor ao seu divino filho.

E o seu pensamento ergue-se a Deus:—Eu era a mais obscura, a mais humilde flôr do teu jardim de açucenas... Porque fui eu a Eleita, a Ungida do Senhor!

Meu Deus, meu Pai, louva-do sejas!

¡Nesse instante a prece resada pela alma simples duma virgem foi a única realidade no Universo!

Alva, como o fio de leite que escorria da bôca da criança, a Jumentinha que assistira ao misterio do Nascimento, tinha parado de comer, postrando-se em adoração ante a Mulher e o Menino. Um grande resplendor enchia de luz o estábulo...

Subito, brilharam duas lagrimas nos olhos da Mulher, indo cair no rosto do recém-nascido.

Os pastores com seus modestos presentes e os três Reis-Magos trazendo o oiro, o incenso, e a mirra, vinham a caminho do presépio, guiados pelas estrelas...

* * *

Principia a amanhecer. Até onde o meu olhar alcança, a neve cingiu a terra num manto nupcial, de imaculada bran-cura. Por entre o espesso véu de neblina, que ainda nos não deixa ver o azul palidissimo do céu, já o disco do sol começa a desenhar-se...

Mas ainda nem uma asa, um cântico, uma flôr, quebra a sinfonia glacial e branca da noite que já morreu...

¡Acordou agora uma fonte! Jamais se ouvira uma voz assim harmoniosa e pura. A

voz imaculada da água foi a expressão escolhida para saudar o advento do filho de Maria!

—Avé Maria, cheia de graça... Bendita sejas tu entre as mulheres... Bendito seja o fruto do teu ventre!

Inesperadamente ouviu-se um grito de ave...

Quem pudera adivinhar a significação deste grito!

Foi talvez uma saudação ao sol, que surgira a vestir duma poeira de ouro toda a casta e glacial bran-cura de que a terra se envolvera para receber o Filho da virgem, entre as virgens escolhida para o beijo do Senhor! Ou, quem sabe, se uma instintiva saudação áquêle mesmo sol que todos os dias desce a ensinar aos homens o amor feito de carne e de paixão que só á terra pertence?...

Depois dêste grito, o silencio até ali inviolado, apesar do cântico da água, encheu-se de rumores, de novos cânticos, de gritos...

E a interrogação permanece! Em louvor de quem era agora, esta aleluia deslumbrada!?

Ah, não ser Jesus o próprio Apolo! O' minha mãe, para que me ensinaste que um inocente viera ao mundo a redimir-nos de culpas, e sob um céu livido de espanto, morrera por nosso amor nos braços duma cruz? Para que havias de contar-me a tragédia cheia de soluços dessa criança acabada apenas de nascer? Para quê?!

Não o tivesses feito, e era Jesus o próprio Apolo: seria a vida uma taça a trasbordar de alegria, erguida aos lábios, até que a morte, Venus coroa-de de rosas, surgisse a dizer-nos: Para!

Mas a história da tarde e da noite do Calvário encheram a minha alma de melancolia: para matar a minha sede já senti nos lábios o amargor da esponja embebida em fel. E quando a morte vier casta e indiferente, como a neve desta noite de Natal, eu partirei deixando a taça intacta.

¡Sem a levar sequer aos lábios!

* * *

Hei-de esconder do meu filho, que este róseo menino Jesus morreu cruzificado entre ladrões... E foi cuspidos, avil-

Bôas'-Festas

A todos os republicanos em geral, e em especial aos nossos presados assinantes, a "A Velha Guarda" cumprimenta e deseja Bôas Festas, augurando muitas felicidades no seio das suas famílias.

tado, escarnecido, pelos poderosos da terra!

Hei-de esconder-lhe também que, á passagem de Jesus, murcharam as canções nas bôcas das raparigas: e as faces de Madalena foram dois rios de lágrimas.

E hei-de cantar-lhe a beleza dos cabelos de Madalena sem lhe dizer que esses cabelos tão lindos se macularam, limpando os pés cansados e sangrentos dum pobre rabi vagabundo...

E assim, meu filho, subirás por um caminho de rosas aos pés do Padre Eterno, que há-de esperar-te sob um docel de estrelas com um largo sorriso de perdão para os teus pecados terrenos.

* * *

Amanheceu. Sob a carícia do Sol a terra é menos pura e menos branca.

¿Que é da harmonia glacial de há pouco?

Já de entre a neve surge uma flôr vermelha...

¡E' um estandarte, um grito de revolta, uma bandeira triunfal!

A luz envolve a terra nas suas azas de amor, e há revoadas de beijos...

* * *

Andrajosa e faminta, uma mulher, passou agóra a meu lado, cosida com a parede, a tiritar, levando ao seu colo, entre farrapos, duas criancinhas emaciadas e tristes... A flôr vermelha já não é um estandarte de alegria, um grito, uma bandeira triunfal!

¡Tem cinco pétalas e, cada pétala, é uma das cinco chagas de Cristo!

Américo DURÃO.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

ESCOLA DE SACRIFÍCIO

POLITICA E POLITICOS

Em carta que me escreveu há tempo, e que neste jornal foi publicada, dizia um dos mais brilhantes espíritos da nossa terra:

—A política tem de ser uma escola de sacrificio, um pôsto ar-riscado, uma occupação para abnegados.

Esta é a verdadeira doutrina. Os que entram na política apenas tendo em mira a satisfação dos seus interesses, das suas vaidades e das suas ambições, não podem ter o nome de políticos.

Político, no sentido justo, nobre e elevado da palavra, é aquele que procura actuar na governação pública, na administração do seu país, com patriotismo, com abnegação, com desinteresse, com espírito de sacrificio.

Os aventureiros da política, os ambiciosos que da política só procuram tirar honras ou proveitos, não são políticos.

São apenas aventureiros. São apenas gananciosos.

Perguntará agora alguém, com toda a boa fé:

—Mas não há ambições legítimas?

Há, evidentemente. Por exemplo: a ambição daquele que trabalha e luta por bem servir a sua Pátria, pondo os interesses dela, sempre, acima dos seus próprios interesses.

Esse aspira á maior e mais nobre recompensa: a satisfação de ter cumprido o seu dever.

* * *

Magalhães Lima, apóstolo que nunca se atolou nos baixos egoismos da política, escreveu um dia:

—Só se ama verdadeiramente uma Causa depois de muito se ter sofrido por ella.

E, assim, todos nós podemos dizer a quantos trazem sempre a palavra República na bôca e o egoismo no coração:

—Se não és capaz de sofrer e de te sacrificar pela República... não és republicano.

Só é republicano, verdadeiramente republicano, quem é capaz de tudo sofrer pela República.

Quem é capaz de tudo sacrificar pela República.

Porque a política, para ser honrada, para ser digna, para ser patriótica, tem de ser, não uma feira de interesses, não uma escola de vaidades, mas uma escola de sacrificio e abnegação.

* * *

Aqueles que se dizem republicanos, mas que pela República não são capazes de sacrificar um centavo ou de arriscar um cabelo da cabeça, não são republicanos. E quem diz República diz Pátria.

Só é bom patriota aquele que pela patria é capaz de dar a vida, sem mira em outro interesse que não seja a satisfação do dever cumprido.

Esta doutrina devia ser ensinada ás crianças desde a escola primária. Porque a mais im-erio a missão da escola deve ser esta: formar cidadãos.

Criar consciencias. Modelar caracteres.

No tempo da monarquia a política era a arte de conqui tar lugares á meza do orçamento.

Dentro da República a política tem de ser a escola de bem servir a República e de bem servir a Pátria.

Quem não sabe sofrer e sacrificar-se pela República e pela Pátria não merece o nome nem de republicano nem de patriota.

Ribeiro de Carvalho.

Da «República»

O SR. AFONSO COSTA

e os jornais reaccionarios

Combatemos sempre o sr. Afonso Costa, quando êle merecia ser combatido. Mas queremos hoje prestar-lhe justiça, desmentindo os ataques de certos jornais clericais e monárquicos, que não têm pejo de mentir e caluniar, para atacar adversários, como se a mentira e a calúnia fôsem armas... cristãs.

Desde que êsses jornais reaccionários atacam, nós temos o direito de defender.

Pelo menos—de defender. De que se trata, afinal?

De um boato falso, que foi espalhado em Lisboa e segundo o qual o sr. Afonso Costa estaria em Londres a fazer a defesa de Waterlow, por detrás da cortina.

Ora, isto é absolutamente e redondamente falso.

Podemos fazer esta afirmação, sem receio de qualquer desmentido.

O sr. Afonso Costa nada tem, nem teve, com o processo movido pelo Banco de Portugal a Waterlow.

Para combater um adre sário, os jornais monárquicos e clericais não deviam ter necessidade de se servir de calúnias e de falsidades, sempre repugnantes.

Ainda há pouco o ex-rei de Portugal rendeu homenagens ao esclarecido e vibrante patriotismo do sr. Afonso Costa, e, não obstante êsse testemunho insuspeito, continuam alguns monárquicos portugueses a atirar pedradas ao eminente republicano.

Ascorosos processos de fazer política.

Da «República»

Assina! «A Velha Guar.»

VELHARIAS FORENSES

por Eduardo d'Almeida

VI

(Continuação)

15.º
Item se os mesmos Escrivaens costumam passar algumas certidões, ou lés falsas, e recebem peitas das partes que tragão causas perante elles.

16.º
Item se os mesmos Escrivaens assistindo a algumas prizoens de alguns culpados, ou pessoas mandadas prender os soltão, ou consentem se soltem sem despacho algum de quem os manda prender, e se observão seu Regimento, ou transgridem em qual quer parte delle, e se tem trato illicito com algumas mulheres que perante elles tragão pleitos.

17.º
Item se o Contador conta, ou leva Sallarios de mais para os Escrivaens ou para as partes.

18.º
Item se os inqueredores perguntão como devem as testemunhas, e se descobrem o segredo da Justiça, e se são promptos nas suas obrigações.

19.º
Item se o Alcaide, e Carcereiro prendem, e soltam per si mesmo, sem ordem de Justiça, ou deixão de proceder contra os culpados a prizaõ, e se os disfarçãõ, ou recebem peitas ou dádivas, e se tratão mal os prezos, ou se os deixão andar à soltã, ou se levão sallarios de mais.

20.º
Item se os Porteiros jurados, Quadrilheiros passão lés falças, ou uzão mal de seus officios, ou levão mais do que lhe he devido, e se com a Capa da Justiça fazem alguns furtos, ou roubos.

21.º
Item se o Distribuidor faz Distribuição a quem toca directamente, e se descobre o segredo de Justiça.

22.º
Item se os Advogados, ou Requerentes procurão sem Carta, ou Provisão, e se aconselhão ambas as partes, ou requerem por huma e outra parte, e se fizerão algum contracto, ou avensa ás partes sobre as Demandas, ou seus sallarios.

23.º
Item se o capitão mor, e capitães das companhias, ou outros Officiaes das Ordenanças escuzão algumas pessoas de hirem aos alardes na forma do seu Regimento, e que se por disfarce lhe levão peitas, ou dádivas, ou que por razão de seus cargos vexão os povos.

24.º
Item se ha algumas pessoas poderosas que impeção a Jurisdicção Real, revoltuosas e que embarçem a cobrança dos Direitos Reaes.

25.º
Item se ha algumas pessoas que atravessem pão, vinho, e azeite para o revender no proprio lugar.

26.º
Item se ha algumas pessoas que seião damninhas, e formigueiras

que cauzem damno na fazenda alheia, e se furtão por hortas, pumares, campos, e devezas, ortaliças, frutas, lenhas ou outras quaes quer couzas.

27.º
Item se ha algumas pessoas que uzem de pistolas, bacamartes, facca de ponta ou outras armas prohibidas.

28.º
Item se ha algumas pessoas que tragão espingarda, ou espada de mais de marca debaixo do braço, e se uzão de espingarda com pederneira, e atirão com munição.

29.º
Item se ha algumas pessoas que cassem ou pesquem nos mezes defezos nos montes, e rios, e se nelles lanção algumas cocas, turbiscadas, ou cassão com redes, varredouras ou outras quaes quer sem auctoridade dada pela Camara

30.º
Item se (ha) algumas pessoas que passem gado, cera, mel para fora do Reino.

31.º
Item se algum Serventuario de Officio de Justiça paga mais ao Proprietario de renda do que a terça parte da sua lotação.

32.º
Item se ha algumas pessoas que fação tomadias nos montes maninhos tirando os pastos e servidões do povo.

33.º
Item se ha algumas pessoas que tenham mansebas, ou andem amancebadas, tendo-as por sua conta tendas e mantendas como declara a Lei.

34.º
Item se ha algumas pessoas que tem caza d'alcouce, e consentem nellas mansebas, ou andem amancebados com parenta a titulo de casamento.

35.º
Item se ha algumas pessoas que uzem de moeda, ou pezos falços comprando por huns, e vendendo por outros.

36.º
Item se ha algumas pessoas que costumem jurar falço, ou induzirem outras para o fazer.

37.º
Item se ha algumas pessoas que recolhão em sua caza Ladroens, ou roubos e se consentem nellas mulheres mal procedidas, e se uzão de alcovitisses.

Continúa

"Humanidade"

Da redacção do semanário republicano do Porto—«Humanidade»—pedem-nos que informemos os seus leitores desta cidade que foram forçados a suspender a publicação do seu jornal por tempo indeterminado e por razões extranhas à sua vontade.

VIVA A REPÚBLICA

Os acontecimentos de Espanha são a prova mais concludente de que os principios republicanos estão no coração do povo espanhol, mas arreigados de tal forma que nada os pode destruir, nem as prisões nem os fusilamentos de que veem sendo vítimas todos aquêles que se batem pelo triunfo do ideal republicano. Teimar em sustentar a monarquia é inutil, porque está demonstrado que ella não é a vontade da Nação.

A República, regime de tolerância e de liberdade, faz parte da evolução dum povo, que vive sob a opressão alimentada por um regime que é contrario ao progresso e à vontade do mesmo povo.

Benditos sejam aquêles que sacrificam as suas vidas pelos seus principios. Eles são a estrela que hade dar luz aos que ficam e que os hade orientar no caminho que está tracado—a implantação da República.

Se os que morrem na luta pelo seu ideal deixão orfãos e viuvas que choram por elles, nós, os republicanos de Portugal, também choramos, porque comungamos nos mesmos principios, mas a esperança de que a vitória desses mártires será a redenção do povo espanhol dá-nos toda a confiança no futuro, futuro este que hade immortalizar os republicanos que a tirania vai ceifando. De alma e coração com os republicanos espanhóis, saltamos, em unissono, o grito de

VIVA A REPÚBLICA

O SR. AFONSO COSTA EM LONDRES

Até de adversarios politicos do sr. Afonso Costa recebemos aplausos pelo que ontem escrevemos ácerca deste eminente republicano.

Que ontem escrevemos — porque era justo e indispensavel que o escrevessemos, para combater calúnias que não honram ninguem e falsidades que são tórpes armas politicas.

O sr. Afonso Costa nada teve, nem tem, com o julgamento de Waterlow. Esteve em Londres, é certo, mas a tratar de assuntos de interesse nacional. E até, podemos affirmar-lo, prestou relevantes serviços á sua Patria.

Os jornais reaccionarios fingem desconhecer o caso, por miseravel especulação politica. E como esses jornais atacam, nós defendemos.

Porque isto é o nosso dever de republicanos.

E porque isto é de inteira justiça, tambem.

O sr. Afonso Costa só merece louvores — embora finjam não o crer os jornais reaccionarios, que só vivem da calúnia e da mentira.

Ponto final.

Da «República»

Assina! «A Velha Guarda»

¿ "Morreu para nos salvar"?...

(A memória dos Capitães do Exército Espanhol Galan e Hernandez, fusilados em Jaca).

Quando chegou o momento de escrever «a página mais linda e a maior que a Biblia tem e a Egreja reza...», nunca poeta algum soube harmonisar os devaneios da sua inspiração para lhe imprimir aquella *pochade* de beleza que é «luz resplandecente», mel doirado, perfumado e doce» e *bijoterie* que detesta hipocrisias e vaidades impenitentes.

E' que de facto o nascimento dum profecta como Jesus traz os pensamentos mais consentâneos e as ideias mais formosas...

Era na verdade um predestinado o filho de David, e para cantar a beleza da sua doutrina, não bastaria só a eloquência, dilacerante e por vezes furiosa, que nos dá estilo agradável e retórica enfática.

O nascimento do Homem incomparável a quem a Humanidade, no dizer de Rennan, chamou o filho de Deus, e muito justamente, é o mais encantador *presépio* que o mundo inteiro pôde architectar e que a Humanidade pôde conceber e realisar, não bastando, portanto, as estrofes inundadas de fé ou o lirismo transbordante do amor.

Este arrulhar de pomba, á mistura com o mugido duma vaca e o zurro dum burro, vulgar que parece, é pura poeira, *la verité* que prende mais o coração do que a beleza, como diria o cristianissimo Papini, o assombro do legado duma nova doutrina—a mais sã e a mais pura!

Posso mesmo abalançar-me a dizer: Jesus nasceu para nos surpreender a imaginação com uma história santa que, no fim de contas, não é o exemplo vivo da vida terrena.

Cristo, o rabi das palavras de ouro, inscreveu nos corações dos homens a doutrina sublime que só um Mestre poderia ter silogisado e difundido.

Ele foi, sem contestação, a luz do mundo que extinguiu as trevas, o Messias desejado, o Salvador, o imensamente Grande.

As suas palavras entretécidas de humildade, simples como a sua alva túnica, ecoaram de lés-à-lés no planeta terra, é certo, mas não penetraram as almas duras das gentes que se dizem civilizadas.

Nunca mistério algum conseguiria evangelisar tanto nem voz nenhuma deveria ter sido melhor ouvida...

Contudo, alguns dos seus preceitos doutrinaes, formidáveis de imaginação e de poder, conseguiram guarida e arraigaram-se profundamente, apaixonadamente, naquelles peitos que sempre viveram ansiosos da justiça e do amor.

Ditados ás quebradas da Galileia, nem o pandemónio da Natureza pôde ou conseguiu apagá-los.

Revolucionaram os espiritos, e do seu conceito admirável, estas palavras lançadas no espaço e no tempo por uma boca escarlate da verdade, foram incentivo, e, centelha, e chama da revolução do Mundo.

Impeliu os corpos e dinamizou as almas.

Quer rompa a claridade da manhã ou nos surja o dia sombrio e afumarado; quer a turqueza líquida «bigarrée de beryl» nos sorria como prenuncio de bom tempo e a opala leitosa nos confranja o coração com o seu pesadelo, a palavra do pobre Mestre reflectir-se-há sempre e queimará o desespero. Movediça como a areia do deserto,

serto, sonora como a tuba de arauto, e piedosa como deve ser a simplicidade da vida, na sua irrequietude, no seu clangór de guerra e na sua brancura de humildade, ella, a palavra de ouro, foi, e será sempre uma esperança.

Das lágrimas do terno rabi, do sangue vertido e da sua morte nefanda, que de exemplos para amar!

E dever-se-ia acrescentar: ¿que de infâmias praticadas em seu nome!

* * *

—Senhor, tu sabes bem que te amo!

Pois tu, soberbo pastor, sem desprimor para a tua omnisciencia e omnipotencia, tu que prégaste a concórdia, que vincaste a ideia da fraternidade universal e que disseste ao mais amado dos teus discípulos: «não matarás»—tu, amor de pai e de irmão? indiferente pela Humanidade, reservado em teu poder, consentes a discórdia, o ódio e, sobretudo, a morte.

A morte praticada em nome das leis que inspiraste aos teus proselitos—morte que não é natural.

¿Em nome de quem?
Em teu nome?!
Não, porque tu o disses: «não matarás»!
¿Em nome de quem?—interrogio de novo.

* * *

Em verdade t'ò digo: enquanto do teu enormissimo poder não descer até ao meu espirito scentelha que acabe com esta defecção de pensamento, jamais participarei das festas do teu Natal.

Dezembro de 1930.

L. COELHO

Jogo do anel ou exercícos espirituais?!

Na igreja da Oliveira, informam-nos, teem-se realisado e pratica-do determinadas conferencias, que os *habitués* das missas nem sabem se se trata de jogo do anel ou de exercícos espirituais.

Dizem-nos que algumas senhoras se fecham na capela mór e que um reverendo sacerdote cochicna pegado, mas de tal forma, que aos outros católicos nasceu a desconfiança pelas conversas que ali se fazem—conversas e maneiras.

De que se tratará?
De verdadeiros exercícos espirituais ou de qualquer brincadeira?
Porque há o privilégio nesses exercícos?

Falamos, e ninguem nos responde.

Virgilio Osório

De Almeida, onde tem fixada a sua residência, regressou a Guimarães para passar as festas do Natal, o dedicado republicano e distinto 2.º Sargento do nosso Exército, sr. Virgilio Osório, nosso presado assinante.

Os nossos cumprimentos de boas-vindas.

Lêde e propagai

«A Velha Guarda»

Mau prenuncio

Os monárquicos portugueses devem estar desorientados com aquela célebre entrevista do ex-rei D. Manuel, o qual, fazendo justiça a alguns Governos da República, evidenciando o Grande Estadista republicano Sr. Dr. Afonso Costa, declarou que «preferia os republicanos marcados e sinceros aos monárquicos duvidosos e fugidios».

Mau prenuncio!

O ex-rei, que naturalmente conhece o que por cá se passa relativamente aos adeptos da monarquia, quiz ter o desabafo de dizer a verdade, a fim de que os camarilheiros reaccionários, designadamente aquêles que temos classificados de *infiltradores*, soubessem que a sua (sua, dêles) atitude lhe causa nôjo e que sómente são dignos do seu desprêso.

Esta apreciação, que não é mais do que a expressão verdadeira dos factos, é a *consumação* de tudo aquilo que nós, os republicanos, temos aqui escrito sobre os tais monárquicos.

Não necessitamos das palavras do ex-rei para provar a veracidade das nossas, porque não costumamos atraiçoar a verdade, mas alguma coisa nos interessam as suas afirmações, porque elas são o mais formal desmentido às intrigas dos caluniadores dos republicanos. O que, porém, lamentamos, apesar de tudo, é que a estas horas já tenha caído sobre o ex-rei a excomunhão decretada pelos monárquicos duvidosos e fugidios — vulgo *infiltradores*, tanto mais que não esperavam tal testemunho de reconhecimento pelas suas façanhas, e pelo seus actos de *leal* e *franco* patriotismo, emblemas estes de que se adornam para encobrirem a miséria dos seus sentimentos e dos seus princípios políticos.

Pobre Pátria que tais filhos tem!

Gralha

Na local inserta em o nosso último número sob a epigrafe «Irritações...» a linhas 33-39 onde se lê «Tem sido formidável a luta contra as burlas republicanas» deve ler-se «Tem sido formidável a luta contra as escolas republicanas».

Que os leitores nos perdôem a gralha que iria dar pasto a interpretações erróneas e descabidas.

Saúdaes

per Euclides Setto-Mayer

Deste nosso particular amigo e mimoso poeta, recebemos um opúsculo «Saúdaes que apreciaremos num dos próximos números».

Pela oferta, muito reconhecidos e obrigados.

Dr. Jerónimo Rocha

Na comarca dos Arcos de Valdevez, tomou posse do cargo de Delegado do Procurador da República, o nosso distinto correligionário, sr. Dr. Jerónimo Rocha, primo do illustre Presidente da Comissão Política do P. R. P., Ex.^{mo} Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras e irmão do nosso dedicado correligionário, sr. Agostinho Martins da Rocha.

Ao acto, que se revestiu de grande solenidade, assistiram não só as pessoas de maior representação daquele concelho mas ainda alguns amigos de Guimarães e inúmeros da vila de Espozende.

Presidiu ao acto o illustre republicano e integérrimo Magistrado, Dr. Marcos Martins, que saudando o novo Delegado, disse conhecê-lo como um magistrado de alta competência e de reconhecido valor, pois, por informações do Procurador da República, o soube e conhece como íntegro de carácter e recto na aplicação da justiça. Descendeu ao novo Delegado o que era a comarca dos Arcos e terminou por lhe afirmar a sua leal cooperação e de toda a gente do fóro.

De seguida falaram o Dr. Leite de Faria, sub-Delegado naquela comarca, o Dr. Sousa Costa, decano dos advogados de Espozende e o Dr. Germano de Amorim, da comarca dos Arcos. Todos foram unânimes em tecer rasgados elogios ao Dr. Jerónimo Martins da Rocha.

Por último, falou o nosso querido conterrâneo que agradeceu comovidamente as referências altamente elogiosas que lhe fizeram. E dizendo da sua acção como Delegado, afirmou que ela será sempre norteada pelos percepts da justiça e que ali todos podem contar com a sua lealdade.

E rematou: «Estou aqui para prestigiar a República e para a fazer respeitar».

Foi muito cumprimentado, dada por finda a cerimónia.

Região Escolar de Braga

Professorado descontente

No dia 16 do corrente mês pelas 13 horas depositamos na redacção do «Correio do Minho», de Braga, com o pedido de publicação, uma carta assinada por perto de trinta professores do concelho de Guimarães, versando não o tema acima, mas expondo com clareza e correcção o critério dos signatários acerca do X acusar e dos «oprimidos» se defenderem. Pelo correio de 18 enviamos mais três assinaturas, para se diguarem acrescentar á lista.

Ali receberam com uma solicitude cativante a carta com as assinaturas apensas e o original delas lançado noutras tantas; e deram a certeza de que seria publicada na próxima quinta-feira (18). Assim o esperava a nossa ingenuidade de 43 anos e disso informamos alguns dos signatários.

Não o entenderam assim «os da Secção...» e surge-nos a mesa de pé-de-galo a falar ás massas.

Sim, porque existe de facto uma tripeça que se apoia em Braga e Guimarães.

O pé fincado aqui — o P.^o A. da S. C. entrou corajosamente em exercício e foi realmente o... clow da festa.

Exagerou alguns dos números, é verdade, mas ficou orquestrada a seu modo. Em regra «partidinha» em que entre padre, ou resulta engraçadinha ou então envenedada.

Classifiquem os leitores...

Que linda prosa! Mas que peçonha espargiu por sobre ela!

Que elementos possui o snr,

P.^o A. da S. C. para tão severamente julgar do nosso carácter?

Colocado aqui há dois anos e pico nenhum acto da nossa vida profissional ou da vida particular o autoriza a pôr em cheque a minha honestidade, a inteireza de carácter, a correcção, a lealdade e o espírito de camaradagem.

Vivemos do nosso trabalho exaustivo, é verdade, mas honesto e jámais agimos, seja em que campo for, na esperança do falar.

* * *

Diluindo a carta dirigida ao Ex.^{mo} Sr. Director do «Correio do Minho» entre os considerandos que só ele percebe e as «gracinhas do pé de cá, o X não desfaz todavia, o seu pensamento e passamos á categoria de «alilhados» e de procuradores da R. Escolar».

Como nos não conhece, criança grande: com alguns dos senhores inspectores nem sequer trocamos um aperto de mão: e com outros as nossas relações não passam dêsse cumprimento cerimonioso.

Se me conhecesse, saberia que no círculo escolar de onde vim contribuí como pude e como soube, mas sempre com aquela sinceridade e lealdade que caracteriza aqueles que sómente almejam que justiça seja distribuída por todos, para que alguns mal entendidos se desfizessem e até equívocos com tendência para conflitos se explicassem.

(Continúa)

* * *

Publicamos a carta, dirigida ao Ex.^{mo} Sr. Director de «O Correio do Minho», a qual foi já subscrita por 36 professores e professoras:

Ex.^{mo} Sr. Director de «O Correio do Minho»

BRAGA

Pedimos a V. Ex.^a a fineza de fazer publicar no jornal «O Correio do Minho» o seguinte:

Apreciando o artigo publicado em «O Correio do Minho», de 27 de Novembro próximo pretérito, sob a epigrafe «Professorado descontente», e prescrutando os fundamentos em que poderia firmar-se e as razões de ordem pedagógica e de natureza moral que o determinaram, os sinatários concluíram por levá-lo mais á conta de um hipotético desagravo pessoal do que á de uma exposição desapaixoadada e irrefutável dos propósitos e norma de proceder do Ex.^{mo} Inspectorado da R. Escolar de Braga.

Por outro lado de maneira alguma se conformam com o facto de, sendo o articulista um professor em exercício, velar o seu nome com um enigmático X; não o sendo, aceitar a defesa colectiva do professorado do distrito de Braga, feita por um estranho sem procuradoria.

E' sempre nociva para o prestigio da hierarquia do ensino, seja de que grau lór, a suspeita: e a tranquillidade de espírito e confiança na Justiça, sem o que não haverá ambiente propício para o exercício das funções de professor, não padecem prejuizo menor.

Assim resolveram levar, por intermédio do mesmo jornal, ao conhecimento do público, que de tudo e de todos sabe ser juiz, que discordam dêsse processo de ataque, que, não remediando mal alguns, ainda cria males novos.

Mt.^o At.^o Ven.^o e Obg.^o

Guimarães, Dezembro de 1930.

(aa) Augusto Montes Guimarães
Artur dos Santos Rodrigues
Jerónimo Ferreira Botelho
Carminda de Jesus Oliveira.

REPÚBLICA VELHA

Quando me falam em República velha ou em República nova, confesso que não entendo.

A República é só uma. Nem nova nem velha.

República, apenas. República liberal. República democrática. República honrada e progressiva. República bem republicana, enfim. O resto são palavras.

Os que reclamam República nova querem com isso dizer que na República velha tudo foi mau?

Pois falseiam a verdade.

A República velha, pela qual verti o meu sangue, pela qual trabalhei, lutei e sofri, e que na madrugada já distante de 5 de Outubro de 1910 ajudei a proclamar da varanda da Câmara Municipal de Lisboa — é uma República digna da Nação e digna de todos nós.

Talvez demasiadamente generosa, mas sempre honrada.

Talvez demasiadamente tolerante, mas sempre honesta.

Talvez demasiadamente ingénua, mas sempre inspirada por princípios de justiça e de bondade humana.

A República velha, a nossa boa e generosa República de 5 Outubro de 1910, só teve um defeito: transigir de mais com os seus inimigos.

Entregar-se, de olhos fechados, nas mãos dos seus adversários.

A República foi boa. Foi complacente. Foi sentimental.

Não quiz tirar o pão a ninguém. Não quiz maguar ninguém.

Não quiz arredar ninguém das suas posições.

Cometeu um único crime: ser bondosa em demasia.

* * *

Um único crime.

Porque os inimigos que ela poupou, os adversários que ela acarinhou, os bandoleiros e os traíçantes que ela não quiz esmagar, não tomaram essa atitude como sendo uma nobre manifestação de bondade.

Tomaram essa atitude por fraqueza, por medo, por cobardia.

E, em vez de se manifestarem gratos ao novo regime, ao regime que procedia com essa nobreza e com essa izenção, logo trataram de o atraiçoar, de o guerrear, de lhe criar as mais graves e as mais tremendas dificuldades.

Daqui nasceram todos os males. A República existia, forte, invencível, imaculada.

Mas porque a República era excessivamente bondosa, quem mandava eram os monárquicos.

E quem sofria, quem se sacrificava, quem continuava a dar a vida por ela... eram os republicanos.

* * *

Mas, por isto, havemos de repudiar e condenar a República de 5 de Outubro?

Eu, não!

Não temos que pedir, que reclamar, que preconizar República nova.

O que temos é de reclamar vida nova, dentro da República.

Vida nova! Vida nova!

Aproveitemos a lição dêsse vinte anos — lição amarga, lição tremenda, lição duríssima — repudiando e emendando os nossos erros.

Mas amando e defendendo sempre a República velha — a República sem mancha de 5 de Outubro — porque ela foi honrada, porque ela foi pura, porque ela deu a este país liberdade e progresso. Porque ela fez engrandecer prosperar esta Pátria que a monarquia arrastava para a ruína e para a miséria.

República só conheço uma:

— A República de 5 de Outubro de 1910.

Ribeiro de Carvalho.

Da «República».

EDITAL

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, administrador do concelho de Guimarães

Faz publico que, para os devidos efeitos, e para cumprimento do art. 8.^o do Decreto n.^o 8.364 de 25 de Agosto de 1922, a esta secção administrativa da Câmara baixou o edital da Circunscrição Industrial, que é o do teor seguinte:

Manuel Jacinto Eloi Mo-niz Junior, Engenheiro-Chefe da 1.^a Circunscrição Industrial

Faz saber que a Companhia Portuguesa dos Petróleos «Atlantic» requerem licença para instalar um Depósito de Gasolina de 3.000 litros, com bomba auto-medidora incluída na 2.^a classe com os inconvenientes de perigo de incêndio, na Praça D. Afonso Henriques, freguezia de S. Sebastião, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao Norte, Sul, Nascente e Poente com Praça D. Afonso Henriques.

Nos termos do Regulamento das Industrias Insalubres, Incomodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação dêsse edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com sede em Porto, rua Sá da Bandeira, 142-2.^o

Porto e Secretaria da 1.^a Circunscrição Industrial, em 11 de Dezembro de 1930.

O Engenheiro-Chefe,

Manuel Jacinto Eloi da Silva Junior.

E' o quanto se contem no referido edital.

Guimarães, secção administrativa da Câmara, aos 15 de Dezembro de 1930.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secção administrativa, o escrevi.

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

Aos snrs. capitalistas

Vendem-se três quintas com as respectivas sortes de mato, água e servidão, na freguesia de S. Miguel das Caldas de Vizela, concelho de Guimarães. Quem pretender, dirija-se ao snr. Rodrigo de Menezes, Casa do Carvalhal — Venda do Campo — Penafiel.

Curso de explicações

para o ensino secundário e comercial

DIURNO E NOTURNO

Falar na Procuradoria do Dr. João de Oliveira Bastos & Gomes Alves, á rua da República n.^o 85.

PHILIPPS RADIO

Nova combinação de Luxo -- Receptor 2511.

Alto falante Electrodinámico com excitação

O Receptor que ganhou o primeiro prémio na
Exposição de Londres.

O Receptor onde estão reunidos com elegância
todes os aperfeiçoados.

O Alto falante melhor delineado.

Intensidade e nitidez incomparáveis

Perfeição Científica :: Perfeição Artística.

O único que leva a alegria ao vosso lar.

Em Guimarães:

BERNARDINO JORDAO, FILHOS & C.^a